

O FENÔMENO DA INTERTEXTUALIDADE E O DISCURSO CIENTÍFICO

MARIA JOSÉ RODRIGUES FARIA CORACINI

Pontificia Universidade Católica – SP

1. Introdução

A partir das idéias lançadas por Bakhtin, vem sendo questionado, nos estudos lingüísticos, o pressuposto básico, segundo o qual cada texto e, melhor ainda, cada enunciado teria um único autor (ou um grupo determinado de autores, no caso de co-autoria).

É bastante pertinente a observação de Duchet em G. Vigner (1979: 63) a esse respeito:

Il n'y a pas de textes 'purs'. Ils n'existent qu'en rapport avec d'autres textes antérieurement pro-duits, en conformité ou en opposition avec un schème textuel préexistant, mais en relation avec eux tout de même.

Aliás, tal esquema pré-existente constitui, no dizer de Vigner, uma forma que o autor encontra de tornar seu texto legível e sobretudo aceitável. Legível, porque todo texto, ao se relacionar com textos anteriores, pelas regras padronizadas (consenso social, aspecto convencional), traz consigo fragmentos de sentido já conhecidos do leitor¹. Aceitável, porque, coincidindo, ao menos parcialmente, com os “esquemas” conceitualizados pelo leitor, e, socialmente aceitos, a organização textual pode, sem dúvida alguma, faci-

litar o processo de leitura e servir de base para a postura crítica do leitor. Desse modo, acredito poder afirmar que o respeito ao padrão discursivo, compartilhado pelos membros de uma comunidade (neste caso, científica), constitui para o Autor uma estratégia a serviço da intenção de persuadir.

Assim, todo e qualquer texto resulta da leitura de outros textos-leitura da sociedade, do momento histórico, de outras obras (corpus literário anterior) que o escritor ou falante incorpora à sua ou a elas se opõe. Quantas obras não se criam para contestar a escritura precedente? Ou ainda: quantas não desejam engrossar as fileiras de uma determinada “escola literária ou científica”? Poderíamos, então, dizer que um texto qualquer seria o resultado do entrecruzamento de uma série de outros textos, de outros “autores”, outros indivíduos, diferentes grupos ideológicos. Nessa linha de pensamento, não nos parece fora de propósito afirmar que, na medida em que consideramos o ato de ler como um ato de produzir textos, “outros” textos se acrescentam ao texto 1 produzido pelo enunciador 1, que, por sua vez, constitui um “intertexto”, termo usado por R. Barthes (1972).

2. Metodologia

Este trabalho pretende analisar o fenômeno da intertextualidade no discurso científico, servindo-nos para tal de exemplos extraídos de artigos científicos de tipo primário (relatos de experiência), na área de Biociências, escritos em português (P) e em francês (F). Tem como principal objetivo desmistificar o conceito de objetividade freqüentemente imputado à intertextualidade no discurso científico.

3. Resultados e Discussão

3.1. O discurso científico primário e o fenômeno da intertextualidade

No discurso científico primário coexistem, como aliás em todo discurso, as vozes das instâncias enunciativas: a do sujeito da comunicação (SCo) e a do sujeito da interpretação (Si), seres reais que correspondem, no caso em questão, ao próprio pesquisador e ao leitor (outro cientista); a do sujeito-enunciador (SE) ou Locutor (L)² e a do sujeito destinatário (SD) criados no momento mesmo do ato de linguagem: aquele desejando mostrar a este a sua competência e conhecimentos e este aparecendo, na imagem criada pelo próprio texto (dizer escrito) como alguém inteligente, exigente, que raciocina e conhece os padrões e os procedimentos científicos. E mais do que em qualquer outro discurso, as vozes de outros pesquisadores se fazem ouvir de modo explícito.

Distinguiremos aqui, com base em I. V. Koch (1986) dois tipos de intertextualidade:

- 1) no seu sentido amplo, a intertextualidade é sempre implícita.
- 2) no seu sentido estrito, pode ocorrer explícita ou implicitamente.

3.1.1. No primeiro caso, a intertextualidade se resumiria na presença do outro na constituição mesma do discurso e, por conseguinte, do texto:

“A produção do sentido é inteiramente condicionada pela alteridade”. (Guimarães, 1986)

Tomando como ponto de partida esse conceito genérico de intertextualidade enquanto fenômeno inerente à construção do sentido (produção e interpretação), poderíamos dizer que o *outro* se manifesta ao menos em três dimensões:

a) o *outro-1*: oriundo das relações entre os indivíduos, componente sócio-cultural responsável pelos conceitos partilhados, pelos padrões institucionalizados, pelo consenso estabelecido na e pela prática social. Esse “outro” interfere sobremaneira nas práticas discursivas e na própria formação das instancias enunciativas, através das experiências de vida e dos conceitos que partilham enquanto membros de uma comunidade.

b) o *outro-2* (interlocutor): enquanto constitutivo do próprio ato de linguagem que, afinal, resulta da relação efetiva de 4 sujeitos (cf. acima): SCo, Si, SE, SD. Assim, o SCo, por um mecanismo a que Pêcheux dá o nome de “antecipação” imagina (a partir de experiências prévias) suas expectativas, gostos e representações e estabelece com ele uma espécie de contrato que provém do quadro situacional em que se encontram. Resulta desse olhar avaliativo (cf. P. Charaudeau, 1983) e dos objetivos de comunicação, a criação de um destinatário (SD) e de um sujeito-enunciador (SE). Dessa relação de interlocução dependem as estratégias discursivas utilizadas: por exemplo, SE incorpora ao seu falar as representações que imagina serem as de seu interlocutor, para atingi-lo com mais propriedade e eficácia. A presença, pois, do *outro* – SD e Si (responsável, num momento posterior, pela reconstrução do sentido, através do “dizer” e das imagens psico-sociais que traz consigo) é condição *sine qua non* para a própria produção do discurso.

c) o *outro-3* – englobando aqui as demais produções no interior de certo universo discursivo ou entre universos discursivos diferentes com os quais se relaciona por semelhança nas propriedades que os constituem ou dos quais se distancia, no desejo intencional de criticar ou destruir seus argumentos. I.V. Koch (1986: 40), citando Pêcheux, afirma:

Assim, tal discurso envia a tal outro frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais ou cujos argumentos destrói. Assim é que o processo discursivo não tem de direito um início, o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio”.

Assim, no discurso científico, a intertextualidade implícita (sentido amplo) poderia se resumir na seguinte frase de Vigner (1979, p. 115, nº 1):

O texto atual, aquele que se lê, assume também sua significação com relação ao arqui-discurso que constitui a soma de todos os discursos produzidos sobre um dado problema.

Tal observação vem, aliás, ao encontro do conceito socialmente vigente de ciência e cientificidade, no sentido de que:

1) todo saber é (como parecem crer os cientistas) prolongamento de uns e abertura para outros.

2) é preciso dar a conhecer as fontes do próprio conhecimento.

Desse modo, aceitar o outro na construção do discurso científico e aceitar a existência da intersubjetividade (subjetividade partilhada) como componente integrante da atividade de produção e de interpretação do discurso é aceitar, na própria linguagem, a presença do convencional, resultante das relações e contratos sociais. Conclui-se daí que nenhum texto seria obra de um único indivíduo, mas do entrelaçamento de experiências e ideologias que pressupõem a presença ativa e efetiva do outro.

3.1.2. No seu sentido estrito, a intertextualidade se manifesta, no discurso científico primário, principalmente a nível explícito, através de citações e referências a outros pesquisadores; entretanto, a intertextualidade implícita (ou polifonia no dizer de O. Ducrot, 1984) não deixa de ser relevante, sobretudo quando se considera a atividade de interpretação como reconstrução do sentido pelo leitor (Si). Ambos os casos constituem recursos de argumentação por autoridade (cf. I. V. Koch, 1986).

3.1.2.1. Focalizaremos, num primeiro momento, a intertextualidade explícita: a) ao nível das operações discursivas, isto é, ao nível do encadeamento retórico-lógico intencional das partes do discurso; b) do ponto de vista de sua manifestação formal.

3.1.2.1.1. Do ponto de vista do encadeamento das idéias

As referências explícitas *strictu sensu* são utilizadas com objetivos claramente perceptíveis no encadeamento discursivo:

A) para justificar o tema da pesquisa: geralmente no início do artigo, os dados bibliográficos e comentários sobre outras pesquisas objetivam mostrar a relevância do trabalho, seja porque as pesquisas realizadas sobre o tema são insuficientes (cf. ex. adiante), seja porque as pesquisas anteriores consideraram algum outro ser ou objeto da experiência atual, seja ainda porque permitem definir o próprio objeto de estudos. L mostra, então, que a presente pesquisa vem preencher lacunas e, portanto, é relevante para o desenvolvimento do conhecimento científico. Apenas alguns exemplos:

A freqüente ocorrência de queimadas...é sem dúvida alguma, um dos aspectos mais característicos. Embora este aspecto seja, quase sempre, realçado pelos autores, pesquisas experimentais ou observações sistemáticas sobre o papel ecológico do fogo no cerrado são bem pouco numerosas (P-XXIV).

O trabalho tem por objetivo comparar e complementar a descrição dos diferentes aspectos da propagação pouco analisados por autores que trabalham sobre o assunto, como Jackson (1960), Rivals (1960) e Chawdhry (1974) (P-XXI).

A família Velloziaceae tem sido muito pouco estudada sob o ponto de vista embriológico (Stenar, 1925; Dutt, 1970; Menezes, 1976) e de aspectos morfológicos do desenvolvimento de suas sementes (Boyd, 1932; Ayensu, 1973) (P-XXV).

B) para justificar o método e a técnica utilizados. Subjaz a este emprego a idéia segundo a qual se outros cientistas já fizeram uso dos mesmos procedimentos metodológicos e obtiveram êxito, então nada mais normal e inteligente do que aplicá-los novamente. Recorre a um conceito partilhado por uma comunidade e, por isso mesmo, constitui uma estratégia de conquista e persuasão. Eis alguns exemplos:

O material e alguns dos métodos empregados foram descritos em trabalhos anteriores (Estelita-Teixeira, 1977; Estelita-Teixeira, 1979) (P-VI).

Nous avons choisi...technique utilisée par Lensi et Chamalet (1982) (F-IV).

Les greffes ont été réalisées selon la technique décrite par Charlemagne et Houillon (1968) (F-III).

A referência a métodos usados em pesquisas anteriores por ele mesmo e por outros permite ao Autor economizar espaço (por exigências da revista), liberando-o de explicitações que, de outro modo, se fariam necessárias. No caso de o método não ser conhecido do leitor, a referência parece indicar a necessidade de outras leituras.

C) para confirmar as próprias observações, resultados e conclusões. Subjacente a este procedimento, o sujeito enunciador (L) busca respaldo para as suas asserções baseado no seguinte princípio: se outros observaram elementos semelhantes, em seres da mesma espécie, obtiveram os mesmos resultados ou chegaram a conclusões aproximadas, então, as observações e conclusões de L são dignas de crédito (argumento por autoridade, cf. O. Ducrot, 1984). E o que se verifica nos seguintes exemplos:

Eglinton & Hamilton (1963) fizeram as seguintes generalizações /.../. Mais tarde, Douglas e Eglinton (1966) estabeleceram que o centro de distribuição..., com o que concordam perfeitamente os dados do presente trabalho (P-XXIII).

Os resultados obtidos com inseticidas organofosforados, aproximadamente concordam com os relatados para outros insetos. Assim, Harvey e Brown também observaram grande aumento no consumo de oxigênio de *Blatella germanica*... e Lord relatou efeito semelhante do parathion para '*Tribolium castaneum*' ... Ouye et al. estudaram o efeito de malathion (...) em *Musca domestica*, observando também um aumento no consumo de oxigênio... (P-III).

Em francês:

...De telles figures ont été remarquées par Eymé (1976), P. Coulomb (1968) et des auteurs qu'il cite... (F-XIV).

...ce qui confirme les observations récentes sur... (F-XVII).

...Il y a donc là une analogie frappante avec les 'coated vesicles' vues par Bonnet et Newcomb (1966) dans les poils absorbants en cours de croissance (F-XIV).

...Tout ceci, qui laisse présager d'importants phénomènes de transfert, rappelle les observations de Buvat (1964), celles de Eymé (1966), celles de Rouger (1966), celles de Shnepf et Koch (1966), celles de Marty (1968)... (F-XIV).

Menos freqüente, porém não sem interesse, é o uso de referências ao “outro” (outros autores) para justificar uma hipótese que não foi plenamente corroborada pelos dados de pesquisa em questão.

Este colapso deve-se à depleção...que não foi constatada satisfatoriamente no presente trabalho, mas foi verificada com bons resultados por Thoday (1926), Thoday e Davey (1932) e Davey (1946) (P-VI).

D) Para discutir sobre a bibliografia lida e/ou se opor ela, justificando tal oposição — como é próprio do discurso científico — com o intuito de, mais uma vez, valorizar a própria pesquisa (argumentos e dados resultantes).

Contudo, os nossos resultados discordam das observações de Mazliack (1968), referentes... (P-XXIII).

...Outro aspecto é o hábito arborescente de algumas espécies brasileiras, que Warming (1983) considera como sendo comparável aos fetos principalmente do gênero *Dicksonia*. Segundo Boyd... (1932), Schultze corrobora com essa idéia de Warming / ... / . Embora a tendência seja considerar o hábito arbóreo em Monocotiledônea uma situação evoluída (Cronquist, 1968), com a aquisição de... em Velloziaceae o hábito parece representar uma situação primitiva. Por outro lado, Lowe (1962) considerando o número de caracteres ancestrais presentes em Velloziaceae, classifica-a como família que apresenta o menor índice de aspectos evoluídos dentre as Monocotiledôneas (P-XXV).

Elles ont été signalées par Wrischer (1962) qui les assimile au ‘Zelkomponente A’ de Sitte (1958) et aux particules que Genevès et coll. (1958) rapprochent des lysosomes. Néanmoins nous ne pouvons, comme ces derniers auteurs et comme Matile et Moore (1968), établir de rapport entre ces organites, qui selon eux sont des lysosomes, et les vacuoles (p. 36). / ... /

Wrischer (1962) n’a pas mis l’accent sur un point qui nous paraît fondamental: les cellules prolongées par un poil ont une structure très différente de celles qui ne le sont pas (F-XIV; p. 40).

É importante observar a presença de operadores (Por outro lado; Embora; Néanmoins) que vêm corroborar a oposição que já se manifesta a nível semântico (cf. termos grifados).

3.1.2.1.2 Do ponto de vista formal

Até aqui consideramos a intertextualidade explícita enquanto estratégia a serviço dos objetivos interativos da comunicação em função, portanto, da situação interlocutiva que determina em última instância, o tipo de discurso e dos atos perlocucionais realizados, sem levar em conta o modo como essas referências se apresentam ao nível textual. A sua forma de aparição no texto não é, no entanto, irrelevante: ela reflete um maior ou menor engajamento de L com relação à sua asserção que coincide, mais ou menos intensamente, com a asserção do(s) outro(s) cientista(s) (=L’). Pela forma como surge no texto a intertextualidade, o leitor poderá perceber o grau de distanciamento do SE (L) com relação aos seus enunciados.

Vejam os alguns casos:

A) Referências entre parênteses

Nome do Autor, seguido do ano ou apenas o número entre parênteses correspondente às referências bibliográficas elencadas no final do texto:

Embora a propagação de *Oxalis latifolia* através de bulbos não possua muitas diferenças da propagação em outras regiões de distribuição estudadas (Jackson, 1960; Rivals, 1960; Chawdhry, 1974), deve-se ressaltar... (P-XXI).

A espécie em questão apresenta características de planta de sol (Lieth, 1960; Walter, 1960) (P-XXII).

... os produtos químicos mais atuantes conseguem apenas retardar o seu crescimento (Rivals, 1960; Jackson, 1962) (P-XXI).

Em francês:

Les conditions de levée de cette diapause, c'est-à-dire l'éclosion des oeufs de durée, sont peu connues (cf. Gilbert, 1974) (F-II).

L'inclusion est faite dans l'épon suivant la technique habituelle (Luft, 1961) (F-XV).

... Ce paramètre peut, en effet, influencer directement la minéralisation en modifiant l'activité de la microflore tellurique (Balicka, 1969) ou avoir un effet sur la disponibilité des substances toxiques pour les plantes en modifiant le phénomène d'adsorption-désorption (Weber, 1970; Adams et alii, 1971) (P-VIII).

Por este procedimento, L assume inteiramente o que asserta, incorporando ao seu o discurso daquele que, citado entre parênteses, vem corroborar e tornar digna de crédito a sua asserção; de tal forma que o pensar de ambos (observações, resultados, conclusões) coincida plenamente.

B) Discurso relatado: referências nominais nos próprios enunciados

Neste caso, L se distancia de L' (outro(s) enunciator(es) que assume a asserção que L lhe imputa. Esta asserção, no entanto, pressupõe um trabalho de reformulação interior, de síntese e de seleção, da parte do sujeito da comunicação, que, afinal, transforma o dizer do outro, colocando-o a serviço do próprio objetivo, da nova situação de interação comunicativa. Na verdade, mesmo o discurso relatado propriamente dito, ao retomar as próprias palavras do Enunciador (E) da situação inicial, não escapa à manipulação, à transformação em proveito das intenções que subjazem à nova situação enunciativa.

Dois exemplos de citação literal extraídos de nosso *corpus*:

Ex. 1: "Otto (1940) afirma que *Bauhinia candicans* Benth, tiene en común esta su acción lipoglucemiante con todas las distintas *Bauhinias* del continente latino-americano" (P-XXIII).

Ex. 2: "C'est donc par un mécanisme actif de régulation que les concentrations des constituants, inorganiques /.../ sont /.../ accrues jusqu'à atteindre une valeur qui "s'oppose aux mouvements d'eau entre cellules et milieu intérieur, qui résulteraient des variations de concentration de ce dernier" (DUCHATEAU et FLORKIN, 1956) (F-XX) (Citação literal de trabalho anterior do próprio autor).

Assim, se L se serve de L' (outros enunciatadores) — seja para discutir e assim melhor fundamentar os próprios argumentos, seja simplesmente para mostrar ao Leitor que não está só no que afirma, e que, portanto, suas asserções são dignas de crédito; seja ainda para mostrar que está a par das pesquisas recentes do seu campo de estudo, distanciando-se mais ou menos

das asserções que enuncia, conforme discorde ou concorde com elas — podemos afirmar que tal recurso serve à subjetividade da enunciação, uma vez que se coloca a serviço da argumentatividade discursiva. É certo que na situação inerente ao discurso científico de tipo primário as referências bibliográficas, inseridas no texto e/ou elencadas no final, constituem uma exigência da comunidade científica e seu uso, portanto, se insere na série de convenções ditas científicas; tal fato, entretanto, não invalida o aspecto subjetivo acima referido; a convenção, enquanto contrato social, funciona no discurso como uma estratégia a serviço da argumentação. Assim, posso me servir de uma convenção para melhor atingir meu interlocutor que, se de fato for cientista, partilha do conceito segundo o qual a ciência não é puro ato de criação individual, mas resulta das pesquisas, reflexões e teorias anteriores; e se for leigo, se deixará impressionar pelos conhecimentos do pesquisador atual. Seja como for, o objetivo perlocucionário de persuasão parece atingido.

Duas são as formas de manifestação do relato que obtivemos no levantamento do nosso *corpus*:

a) Referências nominais:

“Eames e MacDaniels (1974) referem-se às variações que a epiderme de uma raiz pode sofrer de acordo com as condições do meio ... / ... / a sua diferenciação é bastante irregular quanto à localização ao longo da raiz e não obedece o sentido acrópeto característico, citado por ESAU. A mesma autora ressalta que...” (P-VI).

“O autor considerou... O autor não comparou a espécie por ele descrita com...; o autor comparou a espécie... com... e concluiu que... O autor... propõe... Moldenke (1969) comentou a posição tomada por BEAUVERD (1908) /.../ GOLUBIC (1970) que observou que... Joly (1957) apresenta uma descrição de zonação...” (P-XVI).

“Harvey e Brow, comparando os efeitos de vários tipos de compostos..., observaram que... e sugeriram que o aumento na respiração, provavelmente, estaria relacionado com... Ouye et al. (11) relacionando... com... observaram... Os mesmos autores sugeriram... que, direta ou indiretamente resultaria num súbito aumento no consumo de oxigênio” (P-III).

“Rachid-Edwards (1956) descreve... que serviram para...” (P-XXIV).

“Segundo Boyd (1932), Schultze corrobora com essa idéia de Warning...” (P-XXV).

“De acordo com Eglington (1961)...” (P-XXV).

Para “Hulburt, ...” (P-V).

“Já Fukami relatou que...” (P-III).

Em francês:

“Cognetti (1957) avait décrit une nouvelle espèce...” (F-VI).

“Ben-Eliahu (1977) présente un tableau...” (F-VI).

“Comme l’ont déjà remarqué Schrodeter (1926)...” (F-XIV).

“... Ceci est en accord avec les conclusions de Schnepf (1964 a) pour qui... est...” (F-XIV).

“... supposé par Bennet (1956).” (F-XV).

“Bergeron et Droz (1968) conseillent...” (F-XV).

“Cole (1940) a calculé... il a également abordé...” (F-XVIII).

“Daguerre de Mureaux considère que...” (F-V).

“De telles figures ont été remarquées par EYME (1967) ...” (F-III).

“... a été mis en évidence par...” (F-III).

“... les résultats obtenus par...” (F-IV).

É interessante notar que as referências nominais introduzem verbos de relato ou formas nominais que, afinal, manifestam a atitude mais ou menos distante de L, com relação ao texto relatado, ao mesmo tempo em que revelam o ato interpretativo (intelectual) e, portanto, subjetivo do mesmo locutor (embora pareçam designar operações ou atitudes de L'). Assim, ao dizer “X observou, comparou...”, “Y a mis en évidence... a calculé... a abordé...”, L se distancia das próprias palavras, no desejo (ou na contingência de expressar fidelidade às asserções dos enunciadores introduzidos no discurso (L'), designando-o como o “lugar” onde ocorre o processo. Sabe-se, entretanto, que tal processo foi inferido ou interpretado (cf. H. Gauvenet, 1976) a partir das leituras do Autor (SCo) relatadas por L no texto. Tal recurso provoca no interlocutor uma reação de concordância, crença plena nas asserções feitas. Distanciando-se totalmente das asserções que imputa a L', L não deixa margem a dúvidas (recurso por autoridade). Tal impressão de “objetividade” é reforçada pelos recursos: 1) uso exclusivo da 3ª pessoa; 2) uso freqüente dos tempos do passado, tanto em português quanto em francês.

Algumas vezes, L marca o seu distanciamento da asserção relatada, descomprometendo-se e engajando plenamente o outro-3, através do Futuro do Pretérito (FP) atribuído ao verbo da asserção. Alguns exemplos:

“Selon Zimmerman (1932), ces derniers contribueraient à...” (F-XIV).

“... entreraient... selon Roodyn (1962)...” (F-XVI).

“Daguerre de Hureaux a estimé que... serait...” (F V).

“Os mesmos autores sugeriram que... resultaria num súbito aumento...” (P-III).

b) Referências genéricas

Estas se caracterizam por não revelarem com precisão a origem efetiva do pensamento assertado, indefinindo parcial ou totalmente L'.

1. Indefinição parcial de L'

Aparece geralmente na voz ativa com pronome de quantidade indefinida:

— “Vários autores têm descrito...” (P-V).

— “Alguns autores descreveram...” (P-XV).

— “*Quelques auteurs ont déjà étudié...*” (F-XXX).

— “*Plusieurs auteurs ont également constaté...*” (F-XVIII).

Pode ocorrer na voz passiva:

— “*Une hypothèse semblable a été proposée par plusieurs auteurs...*” (F-XVIII).

Ocorre com certa frequência que tais referências genéricas se tornem ora mais, ora menos explícitas, por meio da citação entre parênteses, do nome de alguns autores, dentre aqueles que descreveram ou estudaram tal ou tal fenômeno. Alguns exemplos apenas:

“Embora alguns autores mantenham-na relacionada à Haimodoraceae (Seubet, 1847; Conquist, 1986; Autchin, 1973), outros consideram... e outros ainda...” (P-XXV).

“... fenômeno já citado em plantas submetidas a déficit hídrico por diversos autores (Onslow, 1916, in Owoseye e Sanford, 1972)” (P-XXII).

“... a été soulignée par de nombreux chercheurs dont Siek... Plusieurs auteurs ont également constaté... (Bethe & Berger, 1931; Robertson, 1939; Cole, 1940; Burger, 1957; Glynn, 1968)” (F-XVIII).

Concluindo: o recurso à forma parcialmente indefinida do sujeito descompromete o Locutor L com relação:

1) à asserção: L transfere totalmente o que assera para um “outro” genérico (vários autores; alguns autores...), que passa a determinar não categoricamente através das citações entre parênteses.

2) à lista de autores que L declara não exaustiva ou porque são inúmeros e o Autor desconhece os demais. Seja lá como for, a subjetividade se faz implicitamente presente, ao menos na escolha dos nomes relacionados nos parênteses.

2. Indefinição total de L'

As formas passivas (analíticas e sintéticas) que não explicitam o verdadeiro agente do processo, mas sugerem o recurso ao outro-3 (demais produções no interior de certo universo discursivo) constituem exemplos claros de tal estratégia.

“A HCB tem sido descrita especialmente no homem e em cobaias... A transferência passiva da reação por células está bem estabelecida, mas por anti-corpus ainda é desconhecida” (P-VIII).

“Drogas antimitóticas... têm sido usadas como instrumentos de pesquisas para o estudo do papel dos micro túbulos” (P-III).

“Chez les espèces fortement hyper-régultrices, il est connu que...” (F-XVIII).

“Bien que les homards soient parfois exposés dans leurs biotopes côtiers..., leur régulation osmotique et ionique a été peu étudié, la plupart des résultats à ce sujet concernent par ailleurs *H. americanus* *H. Milne Edwards*” (F-XVIII).

É interessante notar que a voz passiva, além de ‘camuflar’ o agente do processo, põe em evidência o objeto de estudo (sujeito da asserção)³ com o qual se faz o encadeamento argumentativo.

Outro caso bastante freqüente de indefinição total do sujeito: formas substantivas “relatos... pesquisas experimentais... literatura... menção (P); informations... étude... travaux précédants... (F)” que sugerem pelo próprio conteúdo semântico a presença do “outro”.

“São descritas na literatura a interação de alguns inseticidas com várias enzimas relacionadas com a respiração celular, mas não há dados conclusivos sobre o assunto” (P-III).

“Embora este aspecto seja, quase sempre, realçado pelos autores, pesquisas experimentais ou observações sistemáticas sobre o papel ecológico do fogo... são bem pouco numerosas. Warming (1908) relata... Rachid-Edwards (1956) descreve...” (P-XXIV).

“No gênero Bauhinia, a quercetina ocorre, provavelmente com alta freqüência haja vista os relatos de sua presença em várias espécies” (P-XXIII).

“Chez le homard, peu de travaux ont été menés sur ce domaine...” (F-XVIII).

“... Quelques recherches ont porté sur la méiose (GUILLEMIN, 1980a).” (F-III).

“Des travaux précédants sur la phenmediphane... (Bellinck et Mayaudon 1979) ont montré que...” (F/IX).

“... ce qui confirme des observations récentes (10) sur l’origine reticulaire de ces tubules” (F-XVII).

Tal como ocorre com os casos de indefinição parcial da alteridade, aqui também, não raro se encontram exemplos de citação entre parênteses de autores, sem que a lista dos possíveis enunciadoreis sugeridos nas formas passivas seja exaustiva, o que, mais uma vez, reduz a responsabilidade de L com relação à literatura existente. A estrutura textual obedeceria ao esquema: generalização (síntese), seguida de especificação com comentários ou não:

“... A origem desses florescimentos é atribuída a diversos fenômenos, ou mesmo combinações de fenômenos. Riley enfatiza que... Para Hulburt, as grandes populações com denominação de diatomáceas podem ser atribuídas, pelo menos em parte, à...” (P-V).

“Embora Boyd (l.c.) admita a possibilidade de... admite-se este fato como... (Carlquist, 1961).” (P-XXV).

“Les tubules du cytoplasme périnucléaire des cellules du trichome de Phaseolus multiflorus (fig. 2) ont un aspect identique à ceux qui ont été observés dans les cellules des glandes foliaires de Phaseolus Vulgaris, leur diamètre..., ce qui confirme des observations récentes sur l’origine réticulaire de ces tubules...” (F-XVII).

Convém ressaltar o recurso às formas passivas sintéticas (impessoais) que se caracterizam pela ambigüidade ou imprecisão quanto à origem efetiva do pensamento. Por vezes, tem-se a impressão de que se misturam, propositadamente, a 1ª pessoa (Autor) e a 3ª pessoa (enunciadores: outro-3), como podemos notar nos seguintes exemplos:

Quanto ao Machado, acredita-se que ele continua tendo suas possibilidades, principalmente para aquelas regiões com abundância de mão-de-obra pouco especializada e barata (P-IV).

Sabe-se ainda que um ápice essencialmente vegetativo está... (ESAU, 1965; FAHAN, 1974)(P-IV).

... Chez les espèces fortement hyper-régulatrices, il est connu que... (F-XVIII).

... Il a /.../ été montré que... (F-IV).

Outras vezes, a primeira pessoa, a segunda (outro-2 = leitor) e a terceira (outro-3) se confundem para tornar o argumento inquestionável (“todo o mundo sabe...”): “Sabe-se que...”; “E sabido que...”; “E fato comprovado que...”

O mesmo parece ocorrer em francês com o uso do pronome *on*, cuja função é justamente a de incluir outros, distanciar-se daquilo que ele diz e envolver o outro-leitor (que participa do ‘saber’), de modo a tornar o seu argumento incontestável. Como se pode notar pelos exemplos anteriores, a ambigüidade própria das formas impessoais, quanto ao agente do processo, pode ser reduzida pelo contexto, seja através de citações entre parênteses, seja através de referências seguidas dos comentários de L.

2. A intertextualidade implícita no discurso científico primário

Consideramos como expressão de intertextualidade implícita propriamente dita as formas gramaticais e lexicais que, ao introduzirem o enunciado A, deixam entrever a existência de enunciadores (L’) responsáveis por sua enunciação; por outro lado, o enunciado A autoriza L a enunciar B (cf. Ducrot, 1984). Assim, o locutor L se distancia do enunciador (L’) a respeito da asserção, ao mesmo tempo em que a transforma em fundamento de suas conclusões.

É o caso bastante típico de certos operadores de oposição (mas/mas) e de concessão; incluímos aqui todas as unidades que permitem a L admitir A (enunciado que remete a um fato ou conceito já conhecido, portanto, a um discurso socialmente aceito), para justamente se servir de A como argumento favorável a B (ou ainda, respeitando A, L fica autorizado a pronunciar B). É o caso de enunciados do tipo ‘mais Q que P’ (ou: de preferência Q)/’plutôt Q que P’; ‘não apenas P mas Q/non seulement P, mais (aussi ou plutôt) Q’; ‘embora P, Q’/’bien que P, Q’.

Apenas alguns exemplos:

É óbvio que algumas das espécies referidas por Joly e que não encontramos possam estar presentes na área em questão e ter passado despercebido neste levantamento /.../ (P-XVII).

Entretanto é mais lógico supor que as espécies não encontradas realmente não estavam presentes na época dos respectivos levantamentos ou eram muito raras (P-XVII).

Apelando para o espírito lógico de SD (outro-2), L admite como verdade a asserção A (“algumas... levantamento”). Serve-se dessa asserção para dar maior força argumentativa (no sentido de obter a adesão de SD) a B (= Q), que se opõe aparentemente a A (= P); a expressão “É óbvio que” apela para a lógica do interlocutor, que, seguindo o raciocínio proposto, se vê induzido a aceitar a verdade de B (afinal, “é ainda mais lógico supor que” B)⁴.

Jogo semelhante é possível obter graças ao uso de operadores como ‘embora/bien que’:

Embora Dvorak et al. usando OA não tivessem detectado anticorpos durante o desenvolvimento de HCB, Askenase et al. também verificaram que... /../

Os nossos resultados confirmam os descritos por Askenase et al... (P-XXVI).

Neste enunciado parece evidente a orientação discursiva do operador argumentativo “embora”: L se serve da aparente contradição de P (“Dvorak et al. usando OA detectaram anticorpos durante o desenvolvimento de HCB”), para imprimir maior força persuasiva a Q (“Askenase et al. também verificaram que...”) o que, por sua vez, vem reforçar os resultados obtidos por L.

O mesmo ocorre em francês com operadores de concessão:

Bien que la méthode employée en laboratoire (me-sure de déplacement par heure) soit différente de celle utilisée dans la nature (enregistrement du nombre d’animaux actifs chaque heure) nous retrouvons des résultats comparables (F-1).

O fato de se levar em conta opiniões e fatos contrários (que se enuncia em P), capazes até de invalidar o argumento que se quer defender (Q), portanto, à conclusão a que se quer conduzir o sujeito destinatário, confere a Q maior força persuasiva.

Caráter polifônico semelhante se percebe nos enunciados em que se estabelece uma simples oposição, mesmo que não se identifique no texto o enunciador (L’) a quem L atribui ou julga poder atribuir P. P, aliás, pode não existir senão na mente de SCo, que, ao fazer hipóteses sobre o raciocínio e o conhecimento de Si, atribui validade a P e o incorpora no seu dizer como que para reforçar o valor persuasivo de Q. É o que parece ocorrer no seguinte exemplo:

Dans les faibles salinités, ces limites sont également comparables chez deux espèces, de l’ordre de 17% chez des juvéniles élevés à des températures voisines de 15%.

Cependant, il serait souhaitable de préciser chez le homard européen dans quelle mesure la tolérance à la salinité est influencée par des animaux et la température... (F-XVIII).

Os operadores “não só... mas também”/“non seulement P mais aussi Q”, ao contrário do que tradicionalmente se acredita, não servem apenas à adição de enunciados, mas desempenham indubitável papel argumentativo. Guimarães (1986) descreve o caráter polifônico da conjunção em português que se aplica perfeitamente ao francês. Um exemplo, extraído de nosso corpus:

A raiz ou eixo tuberoso, com crescimento em espessura fora dos padrões comuns, apresenta não apenas um acúmulo de substâncias de reserva, como foi descrito anteriormente, mas pode também apresentar um mecanismo de contração (P-VI).

P (“a raiz ou eixo tuberoso... apresenta um acúmulo de substâncias de reserva”) constitui, no texto, um enunciado que remete a um fato mais conhecido porque já “foi descrito anteriormente” e Q (“a raiz ou eixo

tuberoso... pode apresentar um mecanismo de contração”) constitui a informação nova, em que se engaja o sujeito enunciador.

Assim, poderíamos sintetizar o jogo argumentativo, introduzido por este operador da seguinte forma:

L' . P.

L : não só P mas também Q

O enunciador L' proferiu um dia (descrição anterior) P. Então o locutor L incorpora P ao seu enunciado e enuncia: não só P mas também Q. Dessa forma, o locutor L se declara de acordo com o fato alegado por L', ao mesmo tempo em que dele se distancia.

O operador argumentativo plutôt que funciona como modalizador do enunciado, atenuando, de certa forma, a rejeição de P a favor de Q, em cuja verdade L se engaja, é também responsável pela presença implícita do “outro” que pode coincidir com a voz (opinião, expectativa) do interlocutor. Um exemplo:

/greffons/... ils présentent une décroissance plutôt qu'un arrêt de circulation (F-III).

A estrutura polifônica de tal enunciado poderia ser esquematizada assim:

L' : – P (un arrêt de la circulation)

L : – Q (une décroissance) plutôt que P

Neste caso, é interessante notar que L, embora não descartando totalmente P, enfatiza Q como mais racional e digno de crédito, fato aliás, realçado pela própria ordem das orações (Q plutôt que B).

Esses são apenas alguns casos em que se faz notar o caráter polifônico das unidades lingüísticas criadas pelo sujeito falante, no momento mesmo em que ele se pronuncia, com o intuito de esconder a subjetividade inerente à linguagem.

Gostaríamos ainda de nos referir aqui a certas formas gramaticais que, ao indicarem o não-comprometimento de L, remetem o enunciado a um outro (L'), normalmente explicitado no artigo científico.

É o caso bastante freqüente do Futuro do Pretérito/Conditionnel (FP/Cond.) que, em combinação com citações ou referências explícitas descompromete totalmente L quanto à veracidade do que enuncia, ou porque L não observou o fato, e, portanto, não pode afirmar categoricamente, ou porque L pretende provar o contrário, no decorrer do texto. Seja como for, percebe-se sempre a intenção de remeter a outrem a responsabilidade do que enuncia.

Rachid-Edwards (1956) descreve algumas estruturas que serviram para a proteção de plantas contra o fogo (P-XXIV).

...La densité de cette zone aux électrons est relativement faible ce qui indiquerait une prédominance de cellulose. Ceci est en accord avec les conclusions de Wrischer (1962) ... (F-XIV).

Selon Zimmermann (1932) ces derniers contribueraient à la réduction du nectar émis (F-XIV).

Às vezes, tanto em português quanto em francês o uso desse tempo verbal parece sugerir, além do não-comprometimento de L, a não certeza de L' com relação a um fato por ele mesmo enunciado como hipótese e relatado por L:

Os mesmos autores sugeriram a possibilidade do malathion afetar outros sintomas enzimáticos (...) que, direta ou indiretamente, resultaria num súbito aumento no consumo de oxigênio (P-III).

O que nos leva a formular tal interpretação é o próprio uso desse tempo verbal numa forma de relato que, ao explicitar nominalmente o sujeito efetivo da asserção, prescindiria do FP/Cond. No entanto, tal manifestação pode também ser interpretada como o desejo de L de acentuar o seu descomprometimento. A ambigüidade parece proposital?

Resta-nos tecer alguns comentários sobre o espaço deixado ao outro, no texto, por algumas modalidades, que, justamente por permitirem ao sujeito enunciatador que se afaste de seu enunciado, abrem espaço ao outro, no sentido de que admitem a inclusão de novos dados, novas constatações, enfim, novas interpretações. E o caso sobretudo de expressões modais, como: “é possível, talvez” / “il est possible, peut-etre”.

Tal possibilidade de inclusão se reduz à medida em que aumenta o engajamento do sujeito enunciatador e, portanto, se caracteriza com mais precisão o discurso por autoridade. Basta considerar os exemplos seguintes, para nos darmos conta desse fato que parece implícito nas expressões modais:

É possível que a pesquisa deste composto nas espécies de Bauhinia venha trazer interessantes contribuições à taxonomia do grupo (P-XXII).

A freqüente ocorrência de queimadas em nossos cerrados é, sem dúvida alguma, um dos aspectos mais característicos... (P-XXIV).

No primeiro caso, o sujeito enunciatador admite a possibilidade de que outros venham a considerar como de pouca relevância a contribuição da pesquisa comentada, enquanto que, no segundo caso, ele não deixa margem a dúvidas e, assim, parece não admitir outra opinião que contradiga a sua asserção. Observe-se, no primeiro caso, o encadeamento com o subjuntivo e, no segundo, com o modo indicativo. O uso do verbo parecer serve ao mesmo objetivo: admitir possíveis refutações à asserção feita.

As queimadas parecem ter duplo papel, no sentido de favorecer a reprodução sexuada destas espécies... (P-XXIV).

Stafford (1959 e 1961) verificou que... Parece que a síntese de ácido tartárico é uma propriedade mais ou menos geral das plantas superiores... (P-XXIII).

Tal como “Il paraît que” em francês (cf. Ducrot, 1984) a expressão modal “parece que” remete a asserção a outro enunciatador, já citado no texto (cf. exemplo), liberando o locutor da responsabilidade e, ao mesmo tempo, reforçando o valor de verdade da asserção. Em francês, a expres-

são ‘Il semble que’, aliás, muito freqüente no nosso corpus, constitui um elemento a serviço da estratégia que permite a L comprometer-se (é L que assim pensa ou conclui) e, ao mesmo tempo, não afirmar categoricamente, o que deixa uma brecha para contestações e novas constatações, reduzindo, assim, o grau de compromisso de L.

Vejamos como ficariam os enunciados acima expostos, se fossem eliminados os termos modais:

As queimadas têm duplo papel...

... A síntese de ácido tartárico é uma propriedade mais ou menos geral das plantas superiores...

Estes exemplos bastam para que se verifique aí a exclusão total da participação do outro leitor, constituindo-se numa manifestação autêntica de discurso autoritário⁶.

Embora o sujeito da interpretação, idealizado ou imaginado pelo sujeito da comunicação, se faça implicitamente presente no todo discursivo e na intencionalidade subjacente, há formas verbais que denunciam mais explicitamente a sua presença. Vejamos alguns enunciados:

Note-se que há uma diferença no nível da saída dos traços para a bainha cotilédona (Bc) e para a primeira folha (F), na fig. 14 (P-XXIV).

Pode-se perceber que as células do endosperma na região próxima ao cotilédono não apresentam grãos de amido, fato este melhor evidenciado nas figuras 17 e 18. As figuras 17 e 18 permitem ainda que se constate que... a figura 18 permite que se observe... (P-XXV).

...Il convient cependant de noter que le nucléoplasme présente parfois, /.../ des tubules groupés en faisceaux très courts... (F-XXV).

...Prêtant confusion le terme de trichomehydathode doit être abandonné au profit de celui de poil sécréteur, pour désigner ces formations glandulaires (F-XII).

O recurso ao modo imperativo (note-se/Remarquons, notons) incitando Si a agir, observar, raciocinar, enfim comprovar a verdade do que está sendo dito, às formas de indeterminação do sujeito (“Pode-se perceber que...; se constata...; se observa.../doit être abandonné; il serait souhaitable de...”) é responsável pela presença sugerida e solicitada do outro-2 (leitor), visto por SE como ser inteligente, capaz de raciocinar e de interpretar, como ele e com ele, as figuras apresentadas. Nestes exemplos, é interessante notar a postura das instâncias comunicativas criadas pelos recursos lingüísticos: SE e Si se põem ambos (este a convite daquele) diante das figuras, dos dados da pesquisa apresentados no texto, para analisá-los e, devido à ausência física do sujeito da interpretação (característica do discurso escrito), o SE (L) chama a atenção para este ou aquele detalhe que ele reputa como relevante, considerando-se os seus objetivos comunicativos.

As formas ‘doit être abandonné’, ‘il serait souhaitable’ (F)/ ‘deve ser preferencial’, ‘é preciso’ (P) introduzem a asserção como sugestão, conselho do SE que solicita o ‘outro’ para a realização do que reputa de interesse. O ato de sugerir se realiza, como parece evidente nos exemplos assinala-

dos, em graus diferentes, deixando maior ou menor espaço para a interferência do ‘outro’. Assim, expressões como ‘il serait souhaitable’, ‘seria necessário’... pelo próprio uso do FP/Cond. são mais inclusivas do que as formas ‘deve ser preferencial’ ..., ‘doit être abandonné’..., ‘é preciso...’ que são vistas, normalmente, como sendo mais autoritárias e, portanto, mais exclusivas.

Não raro encontram-se frases como:

Cabe lembrar... que... (P-XXVIII).

mentionnons simplement, pour mémoire, la ou les couches sous-épidermiques... (F-XIV).

Contextualizadas, frases como essas apelam diretamente para o conhecimento que L imputa ao SD, comprometendo-o e, portanto, conquistando-o. Note-se ainda que, ao mesmo tempo em que constrói a imagem do seu destinatário e se dirige a ele, SE fabrica a sua própria imagem e se impõe como autoridade científica: alguém que conhece e que, portanto, é digno de crédito.

Por outro lado, L se vê na obrigação de justificar a todo momento, diante do seu interlocutor, as próprias observações e conclusões, e até mesmo a escolha do próprio objeto de pesquisa. É o que se verifica no seguinte texto introdutório (F-IV):

De nombreuses études de laboratoire montrent que la température et l’humidité du sol influencent fortement la dénitrification. Pilot et Patrick (1972) ont ainsi défini des valeurs d’humidité à partir de la relation dénitrification-tension en eau du sol pour différents types de sol. De même Stanford et al. (1975) ont établi des relations de dénitrification-température et défini un $Q_{10}=2$ entre 10°C et 35°C. L’analyse de l’influence de divers facteurs de milieu a récemment fait l’objet d’une revue bibliographique (Knowles, 1982).

Par contre, l’applicabilité au terrain de l’ensemble de ces résultats n’est pas bien connue. En effet, les résultats au champ correspondent le plus souvent à une mise en évidence de l’activité dénitrifiante / .../, sans tenir compte de la température.

Or récemment son importance a été mise en évidence par LENSEI et CHAMALET (1982) en sol inondé et par MOSIER et HUTCHINSON (1981) pour la production de N₂O. De plus, que ce soit par la méthode N (ROLTSON et al. 1978) ou par la méthode acétylène (RYDEN et al. 1979) les résultats ont été obtenus pour de très fortes teneurs en nitrates (RYDEN et LUND, 1980; ROLTSON et al. 1982).

L’objectif de ce travail sera d’établir une relation entre la dénitrification en sol nu et les deux paramètres... que sont la température et l’humidité du sol (F-IV).

Este texto exemplifica bem o jogo argumentativo que consiste no vai-e-vem de aproximação-distanciação de L (ou SE) com relação ao próprio enunciado, jogo este bastante característico do discurso científico: no início, L se afasta dos enunciadores trazidos explicitamente para o texto para, em seguida, a eles se unir – o que se faz reconhecer no significado implícito do operador “en effet”; volta a tomar distância a partir de ‘Or récemment’ para novamente assumir os enunciados – remetidos aos enunciadores cita-

dos entre parênteses – a partir do operador de adição ‘De plus’ e das asserções “inquestionáveis” (“... les résultats ont été obtenus pour de très fortes teneurs en nitrate”). Desse modo, L envolve Si pelo raciocínio e pela impressão de imparcialidade (objetividade), deixada no texto pelos recursos argumentativos e pelas citações e referências, que nada mais são do que estratégias discursivas de persuasão pelo raciocínio e formas convencionais já consagradas pelas normas científicas.

4. Conclusão

Sabe-se que o uso em profusão de notas, citações e referências bibliográficas constituem uma estratégia a favor da credibilidade e do conceito de cientificidade: se um certo número de referências tidas como fundamentais no âmbito da especialidade não se encontram no texto, o Leitor poderá concluir que o autor (= pesquisador) está mal informado e que, portanto, suas palavras são pouco dignas de crédito e sua pesquisa pouco interessante. Do mesmo modo, um número muito restrito de citações pode levar a concluir que o pesquisador desconhece as fontes de informação que a comunidade científica reputa como relevantes, dados estes que seriam indispensáveis para a valorização do seu texto e conseqüente força persuasiva (cf. Vigner, 1979).

Embora tais citações e referências explícitas constituam, na forma, verdadeiros discursos relatados, parece-nos que a presença do componente intencional, subjacente e orientador do discurso, nos leva a extrapolar o simples relato: seja para confirmar e reforçar as próprias opiniões ou resultados obtidos, seja para confrontar, se opor, mostrar as desvantagens do outro a favor do seu próprio ponto de vista, a intenção parece ser sempre a mesma: mostrar a importância e a pertinência da própria experiência, situá-la no conjunto de pesquisas da mesma área, enfim, conseguir a adesão do outro (leitor-cientista) à própria tese. Tal intencionalidade, como tivemos a oportunidade de assinalar, se percebe no encadeamento dos enunciados a partir das referências. Convém acrescentar ainda que, se, no discurso relatado propriamente dito, o encadeamento se faz a partir de L’ [outro(s) enunciadador(es) através de citações (cf. Koch, 1983)], no discurso científico, o encadeamento se faz a partir do tema (objeto de estudo). Conclui-se daí que, mais do que um simples discurso relatado, a presença do “outro” no discurso científico é uma estratégia argumentativa de raciocínio por autoridade (cf. O. Ducrot, 1984).

Quanto ao fenômeno da intertextualidade implícita, acreditamos poder afirmar que, embora não constitua uma característica específica e exclusiva do discurso científico, é uma prova a mais do seu aspecto argumentativo e, portanto, subjetivo, proveniente do contrato que se estabelece entre as instâncias enunciativas, numa situação particular de comunicação, como a de um relato de experiência.

É bem verdade que o fenômeno de intertextualidade não pode ser isolado dos demais recursos de opacificação do discurso. Constitui, porém,

elemento importante na caracterização do discurso científico nas duas comunidades lingüísticas analisadas: nenhuma diferença de funcionamento e manifestação se faz notar entre as duas línguas – português e francês. Os elementos novos a serem ensinados e aprendidos em situação de sala de aula parecem concentrados na percepção do implícito e, portanto, nas unidades e expressões lingüísticas capazes de sugerir a presença do “outro”. A compreensão, no entanto, do fenômeno de intertextualidade e do jogo intencional e subjetivo que ele veicula parece-nos sumamente importante para a apreensão do funcionamento discursivo do artigo científico de tipo primário.

Uma vez que consideramos a construção do sentido como uma atividade que se realiza nos diversos momentos de produção (1, 2, 3, ...), – incluindo-se aqui as diferentes leituras – só nos resta lembrar que a intertextualidade ocorre nessas diversas situações, como ingrediente modificador do texto 1, produto do discurso 1. Do ponto de vista pedagógico, essa postura orienta para a aceitação das diferenças em termos de compreensão, e, conseqüentemente, para a recusa da postura que tenta reduzir tudo a um único ponto de vista: o do professor ou do texto didático.

É preciso não esquecer ainda que o recurso à intertextualidade faz parte do acervo de expectativas do destinatário conhecidas por L, o que constitui, sem dúvida alguma, uma estratégia de conquista do outro-interlocutor pela impressão de objetividade e imparcialidade que tal recurso confere ao texto. Enquanto estratégia a serviço dos sujeitos da comunicação, repetimos, a intertextualidade é um componente revelador da *subjetividade*.

NOTAS

- 1 F. Jacques (1985): “A la limite chaque mot résulte non plus du choix du locuteur, mais d’une coaxation subtile: prononcé par l’un tel qu’il pourra être accepté, sinon agréé par l’autre” (p. 38).
- 2 Se corresponde aproximadamente ao locutor no dizer de O. Ducrot.
- 3 J. Heslot (1983) chega a uma constatação semelhante: “Le discours du corps du texte est très largement un discours sur les choses, où un II non-humain est sujet d’état ou de processus” (p. 134).
- 4 Em francês, os operadores “É óbvio... Entretanto”, correspondem aproximadamente a “Certes... Mais”.
- 5 A ambigüidade, no caso, não estaria vinculada ao termo, mas às intenções de L que se serve propositadamente de formas lingüísticas capazes de não explicitarem as reais intenções argumentativas.
- 6 É o que ocorre com as asserções simples (sem modalização) próprias do discurso autoritário.

REFERÊNCIAS

- Barthes, R. (1972) "L'Ancienne Rhétorique". *Communications*, 16. Larousse, Paris.
- Coracini, M. J. R. F. C. (1988) *A Subjetividade no Discurso Científico: análise do discurso científico primário em português e em francês*. Tese de Doutorado, LAEL, PUC-SP.
- Derrida, J. (1973) *Gramatologia*. Trad. Bras. Editora Perspectiva.
- Ducrot, O. & Anscombre, J. C. (1983) "Argumentativité et polyphonie" *L'Argumentation dans la langue*, Pierre Mardaga Ed.
- Ducrot, O. (1984) *Le Dire et le Dit*. Les Editions de Minuit, France.
- Foucault, M. (1969) *L'Archéologie du discours*, Ed. Gallimard, Paris.
- Guimarães, E. (1986) "Polifonia et Tipologia Textual". *Cadernos PUC*, 22. EDUC, São Paulo.
- Heslot, J. (1983) "Récit et Commentaire dans un article scientifique", in *Communiversion*, DRLAV, n° 29, Centre de Recherches de l'Université de Paris III, Paris.
- Jacques, J. (1985) "Du Dialogisme à la Forme Dialoguée", in M. Dascal (org.) *Dialogue: an interdisciplinary approach*, John Benjamins B.V. Amsterdam, Philadelphia.
- Koch, I. V. (1983) "Argumentação e Autoridade Polifônica". *Série Estudos*, 9. Uberaba, MG.
- Koch, I. V. (1986) "A Intertextualidade como fator de Textualidade". *Cadernos PUC*, 22. EDUC, SP.
- Kristeva, J. (1969) "A Palavra, o Diálogo e o Romance". *Introdução à Semanálise*. Trad. Bras. Edit. Perspectiva, SP.
- Maingueneau, D. (1987) *Nouvelles Tendances en Analyse du Discours*. Hachette, Paris.
- Vigner, G. (1979) *Lire: du Texte au Sens*. Clé International, Paris.

CORPUS

Os artigos científicos de tipo primário referidos neste artigo foram extraídos das seguintes revistas:

Em português:

— Ciência e Cultura, 35(2); 35(4); 35(7)

— Boletim do Instituto Oceanográfico: 31(1); 31(2)

— Boletim de Botânica: 4, 5, 6

— Boletim de Zoologia Univ. de São Paulo: 8

Em francês:

— Bulletin de la Société Zoologique de France: t.108(1)

— Journal Exp. Mar. Biol. Ecol.: 76

— Planta: 87; 98

— Rev. Ecol. Biol. Sol.: 20 (1)

— Rev. C. R. Acad. Sc. Paris: t.272; 276

— Revue de la Société de Biologie